



# Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas  
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura  
Deborah Silva Santos  
(Organizadoras)

EDITORA  
**UnB 60**



**Universidade de Brasília**

**Reitora** : Márcia Abrahão Moura  
**Vice-Reitor** : Enrique Huelva

EDITORA



**UnB**

**Diretora** : Germana Henriques Pereira

**Conselho editorial** : Germana Henriques Pereira (Presidente)  
: Ana Flávia Magalhães Pinto  
: Andrey Rosenthal Schlee  
: César Lignelli  
: Fernando César Lima Leite  
: Gabriela Neves Delgado  
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo  
: Liliane de Almeida Maia  
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
: Roberto Brandão Cavalcanti  
: Sely Maria de Souza Costa

# Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas  
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura  
Deborah Silva Santos  
(Organizadoras)

EDITORA  
**UnB 60** 

**Equipe editorial**

**Coordenação de produção editorial** : Marília Carolina de Moraes Florindo

**Revisão** : Denise Pimenta de Oliveira  
: Emily Dias de Matos

**Projeto gráfico** : Cláudia Dias

**Foto de capa** : Inês Ulhôa / Editora UnB

**Ilustrações** : Petchó Silveira

**Fotos de ilustrações** : Carlos Borges

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:  
Editora Universidade de Brasília  
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar  
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF  
CEP: 70910-900  
Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)  
E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta  
publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por  
qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília  
Camila Moreira Mendes Barcelos – CRB 1/2193

V111      Vá no seu tempo e vá até o final : mulheres negras  
cotistas no marco dos 60 anos da UnB / Dione  
Oliveira Moura, Deborah Silva Santos  
(organizadoras). – Brasília : Editora  
Universidade de Brasília, 2022.  
168 p. ; 27 cm.

ISBN 978-65-5846-127-2 (impresso).  
ISBN 978-65-5846-121-0 (e-book).

1. Mulheres negras. 2. Universidades e  
faculdades - Ingresso. 3. Programas de ação  
afirmativa na educação. 4. Universidade de  
Brasília - História. I. Moura, Dione Oliveira  
(org.). II. Santos, Deborah Silva (org.).

CDU 378.014 (09)



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

# Sumário

---

## **Apresentação**

**“Quando as mulheres negras se movem...” 9**

Dione Oliveira Moura  
Deborah Silva Santos

Parte 1

## **Nossos passos vêm de longe**

**Jornalista, professora, pesquisadora negra americana e relatora do projeto da política de ações afirmativas da UnB: a vivência de uma epistemologia afrocentrada 17**

Dione Oliveira Moura

**Ações afirmativas para estudantes cotistas na UnB 23**

Deborah Silva Santos

**Vinte anos do EnegreSer:**

**aprender e fazer História com o movimento negro 29**

Aida Feitosa

Parte 2

## **Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB**

**O papel histórico da primeira turma de cotas raciais na UnB 37**

Aline Pereira da Costa

**Alegria da experiência como cotista negra 43**

Andressa Marques da Silva

**E agora sou eu que vivo esta história!** 47

Anna Caroline Costa Silva

**Uma revoada em curso** 49

Camila Cecilina do Nascimento Martins

**Cotas para negros despertam a consciência para os problemas sociais relacionados a raça e cor** 53

Dalila Noletto Torres

**“Isso é por eu ser uma mulher preta?”** 59

Deborah Carolina Silva Duarte

**É desta terra fértil que nasce e floresce muito do que sou e do que faço** 63

Elen Cristina Ramos dos Santos

**Na UnB, aprendemos a nos posicionar politicamente para as lutas sociais** 69

Flora Egécia

**Nossas vidas importam** 73

Hallana Moreira Ramalho Costa

**O sistema de cotas para negros é, sim, um direito** 79

Iara de Jesus dos Santos

**A primeira da família a ingressar no ensino superior** 85

Juciele Fonseca

**Explorar tudo o que a UnB pode oferecer** 87

Julian Esttefane da Silva Reis

**O papel das professoras negras e antirracistas para a inclusão das cotistas negras** 91

Kátia Silene Souza de Brito

**Transcender como negra a cada dia** 97

Keila Meireles dos Santos

**A importância do sistema de cotas para negros na minha trajetória** 101

Letícia Bispo

**Ocupar um espaço que pertence ao povo negro** 107

Maria Antônia Perdigão

**Sou uma mulher negra, fui criada por mulheres negras e me inspiro nessas mulheres** 115

Mariana Paiva Soares

**O empoderamento a partir do ingresso na Universidade como cotista racial** 119

Michele Duarte da Silva

**Nós, negros e negras, somos capazes e merecemos estar na UnB** 127

Vitória Carolina Silva Duarte

**O empoderamento para contribuir com a comunidade quilombola e a região** 131

Maria Lúcia Martins Gudinho

Parte 3

**Celebrar as vitórias e avançar**

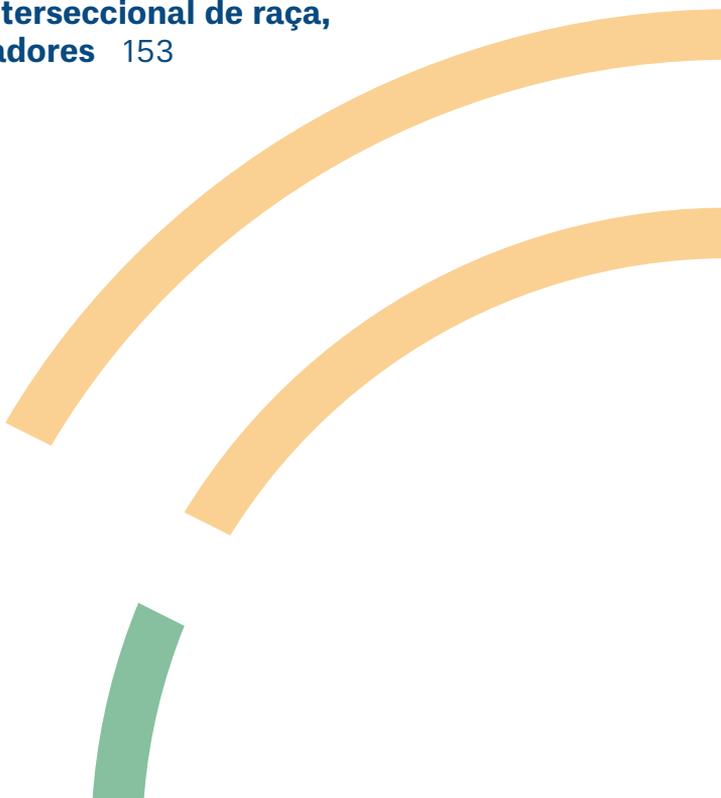
**À guisa de conclusão: 60 anos da UnB, 19 anos da política de ações afirmativas na UnB** 143

Dione Oliveira Moura  
Deborah Silva Santos

**Posfácio – Uma abordagem interseccional de raça, gênero, classe e outros marcadores** 153

Renísia Cristina Garcia Filice

**Sobre as autoras** 161







Parte 2

# **Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB**



# Sou uma mulher negra, fui criada por mulheres negras e me inspiro nessas mulheres

Mariana Paiva Soares

## A escolaridade e as origens da minha família

Sou uma mulher negra que foi criada por pessoas negras com consciência racial e acredito que isso seja um privilégio. Sou a caçula dos três filhos que meu pai e minha mãe tiveram em treze anos de relacionamento.

Minha mãe é uma mulher negra. Ela se mudou do Rio de Janeiro para Brasília, ainda criança, com minhas tias e minha avó – que veio para trabalhar na casa da família em que a minha bisavó trabalhou até a morte, família essa que havia se mudado para a capital para trabalhar em cargos de alto escalão. Minha mãe começou a trabalhar muito cedo para ajudar com as despesas de casa e estudou até o ensino médio. Após o ensino médio, ingressou no serviço público, no qual permanece até hoje. Depois de mais de 20 anos no serviço público, ela decidiu realizar seu sonho de fazer um curso de ensino superior. Vale ressaltar que minha avó, mãe solo de seis filhos, não pôde estudar, mas sempre fez questão de que seus filhos estudassem.

Meu pai é um homem negro, bisneto de negros escravizados, que veio de Paracatu até Brasília para dar continuidade aos estudos depois de muitos anos trabalhando na roça, já que ele foi por muito tempo o único filho homem no meio de 12 irmãs. Ele concluiu o ensino médio tardiamente e começou a fazer faculdade de Direito; usava quase todo o salário que recebia para pagar a mensalidade do curso. Foi o primeiro da sua família a conquistar um diploma de ensino superior. Meus avós paternos haviam concluído apenas o primário por falta de oportunidades e excesso de trabalho, mas mostraram para os filhos a importância dos estudos na vida.

## Minha escolarização, do ensino básico ao ensino médio

Como meus pais conseguiram concluir os estudos necessários para ingressar no serviço público, minha trajetória de escolarização foi mais tranquila que a deles. Nunca precisei trabalhar para ajudar em casa e sempre estudei em colégios particulares, de maioria branca e na maior parte das vezes eu era a única estudante negra da sala de aula, do ensino fundamental ao médio.

Durante essa fase uma das minhas maiores dificuldades era me sentir acolhida e respeitada pelos professores, que sempre me subjugaram, mesmo eu sendo uma aluna acima da média. Por esse motivo, me afastei de boa parte deles e me aproximei dos meus colegas e dos livros, o que naquele momento foi minha salvação e minha motivação. Era raro falar alguma coisa em sala, já que não me sentia motivada pelos professores, mas sempre tirava notas boas e isso incomodava alguns, o que me distanciava cada vez mais dos docentes.

No ensino médio fiz um passeio para conhecer a UnB e isso me fez sonhar em estudar nessa Universidade. Quando pisei no *campus*, me senti pertencente a essa instituição por algum motivo que até hoje não sei explicar. Comecei então a estudar sozinha e passei pela primeira vez na seleção da UnB ainda no segundo semestre do terceiro ano, mas meus pais não me deixaram assumir a vaga, o que hoje enxergo como uma decisão acertada. Depois que concluí o ensino médio, passei outras vezes, por meio do vestibular tradicional e do Programa de Avaliação Seriada (PAS).

## Finalmente, lá estava eu, Mariana, na UnB

Depois de alguns poucos anos sonhando, fui a primeira da minha família inteira a ingressar numa universidade federal! Meus familiares ficaram superorgulhosos e acabei realizando sonhos de pessoas que eu nem sabia que sonhavam com isso. Ingressei por meio das cotas raciais no curso de Engenharia Florestal. Graças à interdisciplinaridade que faz parte do cotidiano da Universidade de Brasília, tive contato com outros cursos, movimentos estudantis e movimentos sociais e decidi fazer outro vestibular para o curso de Comunicação Organizacional, no qual também ingressei por meio das cotas raciais.

As cotas nunca foram um tabu para mim nem para os meus familiares. Sempre soube do direito que eu tinha e o que ingressar por cotas raciais significava. Meus irmãos mais velhos foram meus maiores incentivadores para que eu concorresse à vaga no curso pelo sistema de cotas. Contudo, apenas ao ingressar na universidade tive consciência da importância da medida, já que tanto no meu primeiro quanto no meu segundo curso eu era uma das quatro pessoas negras em turmas de 40 pessoas.

Durante os meus primeiros anos na UnB, tive a oportunidade de conviver com outros estudantes negros e alguns poucos professores negros por conta do Centro de Convivência Negra (CCN) e das disciplinas sobre questão racial. Tive acesso a produções acadêmicas de intelectuais negros, o que me fortaleceu como mulher negra, e passei a enxergar potencial em mim para me tornar uma intelectual, ao contrário do que meus professores da educação básica me diziam.

O contato com professores e pesquisadores negros foi essencial durante minha trajetória na Universidade de Brasília, graças aos encontros proporcionados com grandes intelectuais negros brasileiras, com as quais pude me conectar por meio da fala e da escrita.

O Grupo de Estudos Afrocentrados – uma iniciativa de pesquisadores negros da Universidade de Brasília, que tinha como objetivo o resgate das produções acadêmicas de pessoas negras e o acesso a conteúdos que os professores brancos não incluíam nas suas ementas – foi o primeiro espaço em que ouvi nomes como: Lélia Gonzalez, Maria Beatriz do Nascimento, bell hooks e Milton Santos. A partir disso, me senti motivada a ler o que grandes intelectuais negros tinham escrito.

Naturalmente fui descobrindo disciplinas ministradas por professores negros nas Ciências Sociais, Filosofia, Direito e História; em uma dessas disciplinas pude ler *Ensinando a Transgredir*, de bell hooks (2013), e isso transformou ainda mais minha trajetória. Ler bell hooks definitivamente foi essencial para a confluência dos meus pensamentos e minhas práticas sobre raça e classe, que até então só eram embasadas em escritos de pensadores brancos, europeus ou da América do Sul.

Ler uma intelectual negra estadunidense foi importante para enxergar as semelhanças entre as experiências de mulheres negras em diferentes partes do mundo, mas também para compreender que existem limites nessas semelhanças, os quais me motivaram a ler mais mulheres negras brasileiras.

Um dos textos mais importantes que li no começo de minha jornada foi *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, de Lélia Gonzalez (1984), que chegou a mim por meio de uma disciplina ministrada por pesquisadoras negras. Nessa disciplina pude ler diversas obras da autora, nas quais ela falava sobre a realidade da mulher negra brasileira em primeira pessoa.

Essas intelectuais (hooks, 1995; Gonzales, 1984; hooks, 2013) me mostraram a potência das mulheres negras, comecei a enxergar essas qualidades nas mulheres ao meu redor, principalmente nas que me formaram desde o começo: as mulheres da minha família.

Percebi, graças às mulheres que me guiaram – pois já tinham percorrido um caminho semelhante –, que nossa ligação não residia apenas nas nossas narrativas das dores provocadas pelo racismo, que somos e podemos ser muito mais do que o patriarcado e o racismo juntos nos impõem e tudo isso foi importante para que eu entendesse a dimensão do que é ser negro no território em que nos encontramos e como nossas experiências são diversas.

Compreendendo isso, me inspirei a escrever meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre narrativas positivas de mulheres negras. Graças ao encontro com uma das organizadoras deste livro, Dione Moura, então diretora da Faculdade de Comunicação e professora da disciplina “Cartas para o Amanhã”, decidi registrar a memória das mulheres negras da minha família, contar histórias disruptivas por meio das memórias de suas vivências.

Sou uma mulher negra, fui criada por mulheres negras e me inspiro nessas mulheres. Mulheres negras foram e ainda são essenciais na minha formação, me fizeram entender a importância de me colocar no mundo da minha forma e me ajudaram a perceber que, mesmo que a minha narrativa seja diferente da dominante, ela também é importante. Graças a esses entendimentos, em breve

me tornarei uma comunicadora organizacional formada pela Universidade de Brasília e consciente da minha história, que se entrelaça com a história de outras mulheres negras.

## **Referências**

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Ciências Sociais Hoje*, Brasília, Anpocs, n. 2, p. 223-244, 1984.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. Intelectuais Negras. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464, jan. 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>. Acesso em: 4 dez. 2017.

# Sobre as autoras

---

## Dione Oliveira Moura (organizadora)

Professora titular da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB). É graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1986), mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (1990) e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (2001). Na Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), atuou como sócia fundadora, diretora editorial (2004-2005 e 2006-2007), coautora do projeto editorial da *Brazilian Journalism Research* (BJR) (2004) e presidenta (2011-2013). Foi diretora da Socicom e atualmente é diretora regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej). Na UnB, é docente do quadro desde setembro de 1995 e atuou em funções administrativas e acadêmicas, na vice-chefia e chefia do Departamento de Jornalismo, na Coordenação de Graduação, na Coordenação de Pós-Graduação e na Diretoria de Apoio à Pós-Graduação do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação. Atualmente, é diretora da FAC (Gestão 2019-2023). Também na UnB atuou e atua em conselhos e câmaras, como o Conselho Universitário (Consuni), o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), dentre outros. No que diz respeito ao tema central deste livro, foi eleita pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Cepe) da UnB como relatora do processo de implantação da política de cotas e ingresso de indígenas na UnB, quando da aprovação do Plano de Metas para a Integração Social Étnica e Racial da UnB pelo Cepe em 6 de junho de 2003; e, além disso, desenvolve pesquisas e orienta projetos de pesquisa relacionados a jornalistas negras e igualdade racial.

## Deborah Silva Santos (organizadora)

Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT) – Lisboa/Portugal. Mestra em História Social pela PUC/SP. Especialista em Museologia Avançada pelo Instituto de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Historiadora pela PUC/SP. Atualmente é professora na Universidade de Brasília (UnB), atuando no curso de Bacharelado em Museologia. Ex-aluna do Workshop de Dissertação Mark Claster Mamolen (2018) do Afro-Latin American Research Institute/Harvard University. Pesquisadora do grupo de pesquisa Museologia, Memória e Patrimônio do PPGCInF da FCI/UnB. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa

em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e Gênero (GEPPHERG). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB/CEAM/UnB). Áreas de pesquisa: museu e Museologia, estudos das relações raciais, mulheres negras, memória e patrimônio afro-brasileiro e museus afro-brasileiros.

### **Aida Feitosa**

Atua profissionalmente como jornalista, analista ambiental, professora e pesquisadora. Como ativista do movimento negro brasileiro, participou da criação do EnegreSer (Coletivo de Estudantes Negros da UnB), fundado em 2001; integra a Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira); e integra o Coletivo Beatriz Nascimento (que reúne estudantes negros e indígenas da Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ). Graduada e mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

### **Aline Pereira da Costa**

Graduada em 2008 pela UnB. Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet/RJ em 2019. Também se especializou em Adolescência e Juventude pela Universidade Católica de Brasília em 2012. Foi bolsista (2005-2008) e vice-coordenadora do Programa Afroatitude UnB entre os anos de 2009 e 2010, quando ingressou na carreira pública de assistência social do Governo do Distrito Federal. Chefiou o Núcleo de Afroempreendedorismo da Secretaria de Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (2015) do GDF e compôs o Comitê de Equidade de Gênero e Raça do Senado Federal (2020). Atualmente, trabalha como educadora social na Secretaria de Desenvolvimento Social do GDF e integra o Núcleo de Pesquisa e Estudo em História, Territorialidades e Movimentos Sociais da Universidade Estadual do Piauí.

### **Andressa Marques da Silva**

Graduada em Letras pela UnB, mestra e doutora em Literatura pela UnB. Atua na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal na elaboração de documentos norteadores e acompanhando as políticas públicas da instituição voltadas para os/as estudantes negros/negras e também em um projeto de formação de leitores a partir da experiência literária, especialmente com autoras negras.

### **Anna Caroline Costa Silva**

Bacharela em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB); moradora de Brazlândia-DF e bolsista de extensão do Projeto Comunicação Comunitária (ComCom) da FAC-UnB.

### **Camila Cecilina do Nascimento Martins**

Mestranda em Direito na UnB. Leonina, piauiense, afro-indígena, advogada popular. Associada do Coletivo Antônia Flor – Assessoria Técnica em Direitos Humanos do Piauí. Especialista em Direitos Humanos e Cidadania pela Faculdade Adelman (FAR).

### **Dalila Noleto Torres**

Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas (PPGECsA) do Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA) do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora visitante (em estágio-sanduiche) na Universidad Centroamericana en Managua, Nicarágua. Mestre em Estudos Latino-Americanos pelo Teresa Lozano Long Institute of Latin American Studies (LLILAS) da University of Texas at Austin (UT Austin). Graduada em Ciência Política pela Universidade de Brasília. É membro do Grupo de Estudos sobre México, América Central e Caribe (MeCACB/ELA) e do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Gênero (GREIG/ELA).

### **Deborah Carolina Silva Duarte**

Graduada em Biotecnologia na UnB. Membro da Genesys Biotecnologia (Empresa Júnior) de 2017 a 2020, onde foi assessora dos setores administrativo e financeiro de agosto de 2017 a dezembro de 2018; diretora dos setores administrativo e financeiro de janeiro de 2019 a junho de 2019; diretora de operações de julho de 2019 a dezembro de 2019; e vice-presidente de janeiro de 2020 a dezembro de 2020. Estagiou no Laboratório de Fisiologia Vegetal da UnB do segundo semestre de 2019 ao primeiro semestre de 2020 e no Laboratório de Biologia Forense da Polícia Civil do DF de junho de 2021 a agosto de 2021.

### **Elen Cristina Ramos dos Santos**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Licenciada em Ciências Sociais e Bacharela em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

## Flora Egécia

Designer e cineasta, graduada em Desenho Industrial pela UnB e mestranda em Design no PPGDesign IdA/UnB. Em sua trajetória realiza diversos projetos sobre raça, gênero, saúde mental e política. É sócia do Estúdio Cajuína e recebeu, em 2017, o Prêmio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal no eixo Culturas Afro-brasileiras. Diretora do documentário *Das Raízes às Pontas* (2015), dentre outras produções.

## Hallana Moreira Ramalho da Costa

Bacharela em Jornalismo pela Universidade de Brasília (2020). Jornalista profissional, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

## Iara de Jesus dos Santos

Jornalista, graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Ingressou na UnB em 2015; defendeu, em 2021, o TCC *Ir à luta e garantir nossos espaços: Marcha das Mulheres Negras, memórias e novas vivências*. Participou da empresa júnior Pupila Audiovisual como membro de produção, direção de arte e como diretora de capacitação entre 2016 e 2018. Atualmente é produtora no “Canal Empreender”, na TV fechada, parceria entre o grupo Bandeirantes e o Sebrae.

## Juciele Fonseca

Técnica de som direto de Brasília, graduada em Audiovisual pela Universidade de Brasília. Dentre os trabalhos realizados profissionalmente como técnica de som, destacam-se os documentários em longa-metragem *Mundo Pequeno* (Gustavo Amora, 2018), *Sementes – Mulheres pretas no poder* (Júlia Mariano) e *Confluências* (Dacia Ibiapina), além dos curtas-metragens *Mens who Talk* (Cristin Noelle, 2020), *Filhas de Lavadeira* (Edileuza Penha, 2018), dentre outros.

## Julian Esttefane da Silva Reis

Graduada em Pedagogia pela UnB. Estuda Sociologia da Educação com foco no acesso e permanência no ensino superior. Professora temporária da Secretaria da Educação do Distrito Federal (SEEDF).

### **Kátia Silene Souza de Brito**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPG-CINF) da UnB e graduada em Museologia pela Faculdade de Ciências da Informação da mesma Universidade (FCI/UnB). Foi bolsista de iniciação científica (Pibic), com pesquisas nos temas Museologia, memória e patrimônio, Museologia virtual e cibermuseologia: estudos conceituais, mapeamentos e análise de manifestações virtuais museais e patrimoniais. Atualmente integra o grupo de pesquisa MUSEOLOGIA LAB: Laboratório de Pesquisa em Cultura digital e Museologia Virtual.

### **Keila Meireles dos Santos**

Mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS/UFF), especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), graduada em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília. Tem interesse em estudos sociológicos, Ciência da Informação com foco em produção e disseminação de culturas voltadas para jovens, atuando especificamente nos seguintes temas: juventude, gênero, raça/etnia, ação afirmativa e movimento *hip hop*. De 2017 a 2019 trabalhou como servidora analista de gestão governamental da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Servidora bibliotecária-documentalista da Universidade Federal de Uberlândia (UFO).

### **Letícia Bispo**

Bacharela em Comunicação Social/Audiovisual pela Universidade de Brasília, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trabalha como curadora, pesquisadora e crítica nas áreas de cinema e audiovisual. É técnica-administrativa em educação, na área de audiovisual, na Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília.

### **Maria Antônia Perdigão**

Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação (PPG/FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora no eixo temático racial, atua há mais de uma década no mercado como jornalista, assessora de imprensa e *social media*. Tem vasta experiência em áreas como política, Poder Legislativo e projetos de iniciativas socioambientais. Ao longo de sua trajetória, trabalhou na Câmara dos Deputados e na Executiva Nacional de partidos políticos. Atualmente é gestora das atividades de Comunicação Social de organizações não governamentais e entidades filantrópicas.

### **Maria Lúcia Martins Gudinho**

Graduada em Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Línguas (Língua Portuguesa, Espanhol, Artes, Teatro e Literatura), na Universidade de Brasília. Membro da Coordenação Pedagógica do Projeto Residência Jovem. Monitora do Núcleo Territorial Kalunga. Fez graduação-sanduíche na Universidade Anton de Kom (Suriname). Especialista em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico – Faculdade UnB Planaltina-DF. Atualmente é assessora de comunicação da Prefeitura de Cavalcante-GO.

### **Mariana Paiva Soares**

Formanda em Comunicação Organizacional pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Trabalha como *social media* do projeto Jovem de Expressão e tem experiência com assessoria de comunicação e imprensa, produção audiovisual, assistência de produção, elaboração de projetos, roteiro e fotografia. Foi roteirista do documentário *Poeira que ainda respiramos*, que fala das memórias da ditadura militar na UnB. Como fotógrafa, participou da exposição *Lembretes do Existir*, na galeria Risofloras.

### **Michele Duarte da Silva**

Licenciada em Ciências Naturais pela UnB, ingressou no ano de 2015 na Universidade. Hoje, atua no sistema socioeducativo da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF).

### **Renísia Cristina Garcia Filice**

Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero, da Faculdade de Educação da UnB (Geppherg-FE/UnB). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab-CeamUnB) e da Comissão de Acompanhamento de Políticas de Ações Afirmativas na Pós-Graduação da Universidade de Brasília (Capaa/UnB).

### **Vitória Carolina Silva Duarte**

Mestra e doutoranda em Engenharia Mecânica na Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Engenharia Mecânica pela Universidade de Brasília (UnB), tem especialização em Engenharia em Segurança no Trabalho pelas Faculdades Cruzeiro do Sul.



# Vá no seu tempo e vá até o final:

## mulheres negras cotistas no marco dos 60 anos da UnB

Esta obra vem coroar os 60 anos da Universidade de Brasília, uma Universidade à frente de seu tempo, que tem pontos a serem superados, mas que não estagna.

A cada ano a UnB avança e desponta no cenário nacional como uma das maiores referências do Brasil e da América Latina. Ano a ano, pouco a pouco, a sociedade diversa se faz presente no interior da UnB, e esta se espalha Brasil a fora formando pessoas tecnicamente competentes, humanamente sensíveis e socialmente comprometidas com um outro mundo possível, antirracista, antissexista e tecnicamente qualificado.

Existem ainda grandes desafios a serem superados, inclusive no monitoramento da política, em particular na permanência, mas já colhemos resultados que revelam quão potentes são as políticas afirmativas para mudar o mundo – sim, sonhamos alto.

Nesta obra, os relatos e pesquisas das mulheres negras não deixam dúvidas do quanto podemos sonhar e realizar. Ademais, timidamente, as novas epistemologias estão em curso, os novos currículos, as novas formas de ser e estar no mundo se articulam de forma inter, multi e transdisciplinar.

Renísia Filice